

## CONCEPÇÕES DE HISTÓRIA: DESAFIOS ATUAIS

Luís Távora Furtado Ribeiro<sup>1</sup>

Universidade Federal do Ceará – luistavora@uol.com.br

Para falar da missão da história nos dias atuais recorro a Jacques Le Goff (2001) e a Erik Hobsbawm (1996). Para o primeiro, cabe à História refletir para o tempo presente e compreender um mundo marcado por uma “instabilidade definitiva”. Para isso cabe realizar uma tarefa indispensável e complexa: relacionar a vida cotidiana – moda, costumes, sexualidade, gastronomia, manifestações religiosas, hábitos de consumo – a um tempo em que ocorrem mudanças de longa duração – guerras, revoluções, pandemias, ciência, arte. Por sua vez, Hobsbawm menciona o mais “lúgubre” problema que atinge as novas gerações: a perda da noção de passado público.

Como se percebe, o que se preserva hoje é a memória individual, das relações interpessoais e de pequenos grupos. Vivemos aqui esse resgate bem documentado através de fotografias e filmes de celebrações e festas familiares, bem como a novidade da memória de si mesmo nas fotografias retiradas pelo telefone celular. Sobre o passado público que se perde e que não traz lições, recentemente, um jovem príncipe inglês compareceu a uma festa à fantasia trajando um uniforme de oficial alemão da segunda guerra, enfeitado no ombro com uma vistosa cruz suástica. Também é emblemática a declaração de um renomado técnico de futebol brasileiro, elogiando os métodos pragmáticos e eficazes de um ditador chileno ainda vivo. Também podem-se mencionar o incentivo à presença de massas sociais abandonadas pelas políticas públicas nos cultos pentecostais, vivenciando a novidade antropológica de estar em grupo, mas sem identidade pessoal. Encontramos aqui uma busca desesperada por soluções particulares, como se os problemas comuns – especialmente saúde e desemprego – tivessem apenas uma dimensão individual. Para o autor é como se vivêssemos numa espécie de presente contínuo, com a perda do passado público deixando a todos sem qualquer perspectiva de futuro comum.

Por todas aquelas razões, Hobsbawm enfatiza a missão da História e dos historiadores nesse início de século: lembrar o que os outros esquecem. Não se trata aqui de narrar apenas eventos passados com o objetivo de adquirir informações ou uma maior erudição, mas de cultivar uma postura criativa, crítica e reflexiva diante do mundo.

Para que se cumpram aquelas tarefas é preciso que se compreenda o fracasso de uma promessa da modernidade

em sua concepção de história: a noção de progresso vinculado à história linear e a um tempo contínuo. Nela se acreditava que a humanidade caminhava inexoravelmente para dias melhores. Essa crença prosperou tanto á direita quanto à esquerda no campo intelectual. Por exemplo, os teóricos liberais ainda acreditam que o homem se torna e se manterá efetivamente livre a partir de sua atuação individualista e competitiva no âmbito do mercado. E que a igualdade entre eles se dá na capacidade da concorrência livre para o acúmulo individual de riquezas. As diferenças entre os homens conduziram a sociedade para o futuro, deixando para traz os que não tivessem interesse, motivação, livre iniciativa ou eficácia. À esquerda, amplos setores da tradição marxista imaginaram que a história conduziria a todos para a sociedade socialista, numa sociedade sem classes. Mesmo dependendo das crises do capitalismo e da ação do proletariado, a concepção de história moderna prevalece na crença de que caminhamos, agora coletivamente, para um futuro melhor. O que se observa é que, com o passar do tempo, aquela promessa moderna de progresso, liberdade e emancipação não se concretizou. O que prevalece é uma instabilidade permanente. Em outras palavras, nos dias de hoje, a única coisa que permanece é a mudança. E essa é uma crença basilar da pós – modernidade.

Faz-se necessária aqui uma nova concepção de tempo onde se complementem a permanência e a mudança, onde os acontecimentos do cotidiano se relacionem de forma intensa, complexa e complementar com as transformações de longa duração. É importante recorrer à arte – nesse caso à música e a literatura – para ilustrar uma nova postura diante do tempo. Ressaltando certo pessimismo diante do futuro, uma conhecida canção de Nando Reis afirmava: “Mudaram as estações, tudo mudou ... Pois o que é bom, sempre acaba”. Vivendo a ebulição dos anos oitenta Lulu Santos e Nelson Mota escreveram: “Nada do que foi será, De novo, Do jeito que já foi um dia”. Aqui, os cantores revelam que as vivas esperanças de melhoras políticas e sociais presentes em um período, desvanecem e se perdem pouco mais de uma década depois.

Por sua vez, Machado de Assis, nas palavras de Brás Cubas, relata o ponto alto e a decadência do amor adúltero desse personagem por Virgília. Nas entrelinhas de uma amor banal do dia-a-dia, com ternura e sarcasmo, a literatura retrata a crise permanente, o apogeu e a queda da aristocracia brasileira: “Quem escapa a um perigo ama a vida com outra intensidade ... Esse foi, cuido eu, o ponto máximo de nosso amor, o cimo da montanha, donde por algum tempo

divisamos os vales de leste e de oeste, e por cima de nós o céu tranqüilo e azul. Repousado esse tempo, começamos a descer a encosta, com as mãos presas ou soltas, mas a descer, a descer... serra abaixo.” (1999, p. 107)

Observe-se como em Machado de Assis articulam-se de modo complexo os dramas do cotidiano com sem tempo próximo com as transformações sociais em sua longa duração. Numa outra fugaz e dispendiosa paixão de Brás Cubas, a crise de nossa aristocracia na precariedade interesseira de suas relações sociais reaparece com a novidade do dinheiro, onde a sociedade conservadora é atingida por novos tempos de um incipiente capitalismo:

*Marcela amou-me durante quinze meses e onze contos de réis; nada menos.” (idem, p. 42). Assim, a música e a literatura podem contribuir como fontes documentais, metodológicas e de pesquisa para que se compreendam os antigos e os novos tempos. Atinge-se aqui o objetivo maior da história, de acordo com Jacques Le Goff: “Estudar o que muda lentamente e o que se chama ... de estruturas. A história nova de ... fazer com que a mudança seja melhor compreendida. (op. cit. p. 45).*

Nesse sentido, além da história linear é tarefa de todos fugirmos de uma história eurocêntrica com sua ênfase na política, nos grandes vultos e na cronologia. Por exemplo, todos compreendemos que não se podem enfrentar os desafios atuais sem uma vigorosa reflexão sobre a cultura árabe em sua história, influência, contradições internas e complexidade atual. E que esse estudo é de outra natureza do que fazem os órgãos do estado ou agências e comitês de investigação. Trata-se ainda de lembrar que o fundamentalismo, compreendido como pensamento único, uma visão restrita, pré científica, quase fanática do mundo, não é privilégio de setores islâmicos, mas está presente no ocidente em exemplos como o pensamento neoliberal ou no pentecostalismo cristão. Também não se pode desconhecer a história anterior e atual cheia de complexidade dos povos do oriente, das nações africanas ou do continente latino – americano. A respeito dessa história total, uma metodologia perseguida é a de se compreender a história de todos articulando antropologia, sociologia, economia, arte, educação, geografia, psicanálise. E compreender que o tempo não é único nem linear ou sempre evolutivo.

A respeito de seus novos e antigos métodos, a história prossegue com sua dedicação pelos documentos; – pela

tradição escrita ou oral; – pelos relatos de viagens, reformas econômicas e religiosas ou batalhas; – enfim pelo culto rigoroso à memória das gerações passadas e atuais; – não esquecendo a valiosa novidade do acesso aos dados múltiplos, aparentemente irrestritos do computador, mas nunca esquecendo que a tarefa de interpretar e analisar os dados é tarefa do cientista, do pesquisador.

## A Memória, o Esquecimento e as Instituições

É importante refletir sobre o que mantém unidas, preservam ou desgastam as diferentes instituições sociais, inclusive as religiosas e educacionais. Há uma interpretação de que institutos seculares como o exército ou a igreja católica só se mantêm unidos pela conjugação de pelo menos três fatores: – respeito a uma sedimentada hierarquia; – uma rigorosa disciplina; – combinados a um espírito de corporação que provoca união e autodefesa ante as ameaças de adversários externos.

Em seu livro *Mundialização e Cultura* (1994), o antropólogo Renato Ortiz analisa o que preserva e mantém a unidade, tanto dos pequenos grupos quanto das sociedades mais complexas. Ele compreende que os grupos ou sociedades mais simples se preservam pela memória. Enquanto isso, as sociedades mais complexas se perpetuam pelo esquecimento. No primeiro caso, festas de aniversário infantis são preservadas por álbuns de fotos ou em antigos filmes VHS. Por isso tornou-se comum, quando quebravam-se laços de amizade, namoro ou casamento, em tempos recentes e atuais, o procedimento mais radical de se rasgar, queimar, ou simplesmente se devolverem regalos e presentes, cartas antigas, objetos que foram marcantes ou fotografias comuns. Observe-se que, ao contrário, para manter o vínculo nessas sociedades simples, faz-se necessário investir no acúmulo de objetos os mais diversos que adquirirem significado e que servem para, resguardando a memória, promover a união, a concórdia e relações duradouras de futuro que, apesar das crises, são a base no entendimento.

Para Renato Ortiz, o que ocorre nas grandes sociedades é diferente. Aqui o que passa a predominar é o esquecimento. Acontecimentos trágicos ou cotidianos – como guerras civis, religiosas ou entre povos vizinhos, escravidão, massacres, genocídios, machismo, violência e exploração de classe, racismo, ou opressão contra a mulher –, precisam ser esquecidos para possibilitar uma convivência pacífica mínima e a garantia da unidade de uma nação, metrópole, igreja, ou de qualquer sociedade nos dias de hoje.

Tratando da seca de 1877 a 1880 no Ceará, Domingos Olímpio em Luzia – Homem, menciona o caso da exploração comum no mundo do trabalho, tanto de homens quanto de mulheres. : “As meninas cosiam, diligentes, agrupadas em derredor da mestra, numa garrulice de passarada inquieta. Ranchos de operárias davam a última demão ao trabalho do dia; retirantes fatigados da última caminhada se aliviavam das cargas de material, e os feitores contavam e notavam em cadernos... o pessoal que vinha chegando lentamente”.(1998, p. 119 e 120). São eventos como esses que se deve esquecer, ou pelo menos relevar, para que sociedades, nações e classes opostas se mantenham unidas.

No caso de países com longa tradição escravista e racista, se os negros e seus descendentes lembrassem diariamente da opressão vivida no passado, seria muito difícil combater sua revolta e garantir uma convivência pacífica na sociedade atual. O caso das mulheres é semelhante e não menos emblemático. Em sociedades de longa trajetória patriarcal, de exploração, de violência real e simbólica e de silenciamento contra a mulher, só o esquecimento torna possível condições mínimas de uma convivência que mantenha e preserve relativamente unidas sociedades complexas.

No caso de instituições escolares universitárias, o reforço à lembrança se dá ainda de modo mais característico especialmente em algumas iniciativas consagradas e coletivas: – o primeiro é próprio dos estudantes que destacam sua conquista presente de um título universitário através de festas e celebrações de conclusão de curso, aulas da saudade ou encontros periódicos de ex-alunos; – por sua vez as instituições e alunos preservam e resguardam seus vínculos comuns com o passado, especialmente através da afixação de placas com os nomes e até fotos de turmas anuais de concludentes; – pelo lado das escolas, preserva-se a união e a dedicação de professores e toda a equipe através do recurso aos nomes ou quadros de ex-reitores ou diretores fixos nas paredes ou em salas de honra; – também é comum, preservar-se a memória batizando com nomes de professores antigos, bibliotecas, salas especiais ou auditórios.

Percebe-se aqui, mesmo de modo não claramente compreendido, explícito ou revelado, a preservação do passado através de um mecanismo de continuidade através do recurso à memória coletiva. Diga-se que maiores ou menores conflitos e contradições anteriores, muito comuns sob a forma de lutas políticas, competição, disputas, guerra de vaidades, desentendimentos ou discórdias são apagados, tudo com o objetivo de regular o esquecimento e a lembrança como formas de manter unida, nesse caso, uma instituição educacional.

Um dos autores clássicos mais importantes da literatura brasileira, Raul Pompéia, publica um livro em 1888 onde relata a vida diária numa escola paga, O Ateneu, com seu diretor Aristarco que ele descreve como “...um rei – o autocrata excelso – que consagrava as manhãs ao governo financeiro do colégio.” A narrativa combina o drama pessoal de um aluno, Sérgio, ante a opressão escolar, com a decadência social e política da monarquia escravista brasileira. De maneira direta, assim o autor relata as distinções e a marginalização escolares reproduzindo uma sociedade de extratos sociais divididos pelo patrimônio e pela riqueza: “Sua diplomacia dividia-se por escaninhos numerados... Ele tinha maneiras de todos os graus segundo a condição social da pessoa... E duramente se marcavam distinções políticas, distinções financeiras, distinções baseadas na crônica escolar do discípulo... Às vezes uma criança sentia a alfinetada no jeito da mão a beijar. Saía indagando o motivo daquilo... O pai estava dois trimestres atrasado.” (2002, p. 193). Um dado que é valioso é a conclusão do romance com o incêndio que destrói o Ateneu combinando, num final trágico, a decadência social da aristocracia, a ruptura com o passado e o futuro incerto, numa estrutura narrativa que articula a necessidade do lembrar com o desejo cômodo de esquecer.

É essa relação entre memória e esquecimento que passa a história de instituições, inclusive educacionais. Para que se elaborem documentos escolares como um novo currículo ou seu projeto político – pedagógico, é indispensável um coerente e rigoroso resgate histórico. Que não seja apenas um documento oficial com elogios vagos a dirigentes e governantes anteriores, mas que valorize diferentes dimensões como as crises do passado e sua superação. Que não seja também uma louvação a vultos e nomes sociais de destaque, mas que revele um resgate coletivo do esforço, produção e brilhantismo compartilhados. Aqui é o caso de lembrarmos que projeto não é só futuro e que um novo tempo só se realiza a partir de um olhar abrangente sobre o passado.

## Referências Bibliográficas

- ASSIS, Machado de, **Memórias Póstumas de Brás Cubas**, São Paulo, Martin Claret, 1999.
- BORRADORI, Giovanna, **Filosofia em Tempo de Terror, Diálogos com Habermas e Derrida**, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2004.
- GIDDENS, Antony, **Sociologia**, Porto Alegre, Artmed, 2005.
- HELLER, Agnes, **Entrevista a Francisco Ortega**, Rio de Janeiro, Uerj, 2002.

HOBSBAWM, Erik, **A Era dos Extremos, O Breve Século XX**, São Paulo, Companhia das Letras, 1996.

LE GOFF, Jacques, **A História Nova**, São Paulo, Martins Fontes, 2001.

POMPÉIA, Raul, in. NICOLA, José de, **Literatura Brasileira**, São Paulo, Scipione, 2002.

OLÍMPIO, Domingos, **Luzia – Homem**, São Paulo, Ática, 1999.

ORTIZ, Renato, **Mundialização e Cultura**, São Paulo, Brasiliense, 1994.

RIBEIRO, Luís Távora Furtado e MARQUES, Marcelo Santos, **História e Geografia, Coleção Para Professores**, Fortaleza, Brasil Tropical, Vol. I, 2000.

## NOTA

<sup>1</sup> Doutor em Sociologia. Professor da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará, UFC. luistavora@uol.com.br